Jogos de Interesse(s): Uma experiência de desenvolvimento de competências vocacionais no contexto da Universidade Júnior

Ana Ramos,^{*}
Ana Mouta,^{**}
Lucinda Saldanha,^{***}
Inês Nascimento^{****}

RESUMO:

Ao longo do percurso vocacional os indivíduos defrontam-se, recorrentemente, com a necessidade de “optar” e de “rejeitar”. Nessas ocasiões, o confronto com a diversidade de alternativas de escolha requer a mobilização de um conjunto alargado de recursos pessoais entre os quais se destacam as competências de exploração (de si próprio e da realidade externa) e a capacidade de assumir autónoma e flexivelmente compromissos que favoreçam a construção de um projecto vocacional satisfatório e realista. A vivência espontânea de experiência(s) constituiu uma base essencial para a estruturação de representações cognitivo-afectivas sobre o *Self* e sobre o mundo que servem de ponto de apoio à tarefa de escolher. Todavia, quando organizadas de modo intencional e sistemático, tais experiências adquirem um maior potencial no que se refere à capacitação dos indivíduos para a adaptação às transições e para a criação, selecção e gestão de projectos e oportunidades vocacionais de forma coerente e significativos. Neste sentido, reflecte-se acerca

* Psicóloga do Serviço de Consulta Psicológica de Orientação Vocacional da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto-Portugal. (ana.oliveira.ramos@gmail.com).

** Psicóloga do Serviço de Consulta Psicológica de Orientação Vocacional da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto-Portugal. (anamouta@fpce.up.pt);

*** Psicóloga Monitora no projecto “Jogos de Interesse(s)”. (lucindasaldanha@hotmail.com);

**** Coordenadora Executiva do Serviço de Consulta Psicológica de Orientação Vocacional da FPCE-UP. Assistente Convidada da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto-Portugal. (ines@fpce.up.pt)

do contributo de um ciclo de actividades de exploração vocacional intitulado “Jogos de Interesse(s)” (implementado pelo Serviço de Consulta Psicológica de Orientação Vocacional da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto no contexto do programa “Verão em projecto” da Universidade Júnior 2007 promovida pela Universidade do Porto) para o desenvolvimento da competência vocacional de jovens a frequentar o 9.º, 10.º e 11.º anos de escolaridade, provenientes de diversas áreas geográficas do país. Efectivamente, pretendeu-se ajudar os participantes a identificar, avaliar, desenvolver e atribuir um significado pessoal às competências de exploração e de escolha, reflectindo-se em torno da centralidade que essas competências assumem no compromisso com a tarefa pessoal de “orientar-se”. De igual modo, foi aproveitado o facto das actividades decorrerem nas instalações de uma Faculdade para rentabilizar os momentos informais da intervenção e da relação monitor-participantes para a exploração directa dos vários espaços do próprio contexto universitário (centros de investigação, associação de estudantes, espaço de convívio, anfiteatros, biblioteca, livraria, bar/cantina) através da oportunidade de observação e de interacção com os vários actores nele envolvidos e da participação nas rotinas das vida académica. Promoveu-se assim a projecção dos participantes no papel de estudante universitário tendo sido amplamente estimulada a reflexão acerca das competências actuais dos participantes e as requeridas no meio universitário à luz dos desafios, dinâmicas e possibilidades inerentes à vivência estudantil no ensino superior, presenciadas e antecipadas pelos participantes.

Palavras Chave: Exploração directa, Competências, Universidade.

1. O DESENVOLVIMENTO (DA COMPETÊNCIA) VOCACIONAL

Ao longo do tempo, cada indivíduo confronta-se com a necessidade de desempenhar diferentes papéis de vida consoante os contextos de vida em que se integra e participa e a natureza das relações que neles estabelece. A vivência em contexto torna inevitável o contacto e a experiência directa da realidade constituindo este, para os indivíduos, um meio fundamental à construção de conhecimento acerca de si próprios e acerca do mundo. Da extensão e qualidade das experiências vividas dependem as oportunidades de questionamento e de transformação dos significados que os indivíduos constroem para o vivido e para a realidade que os rodeia (Campos & Coimbra, 1991). No que diz respeito ao desenvolvimento vocacional, a relação que ao longo da vida os indivíduos mantêm com o aprender e com o trabalhar comporta recorrentemente a necessidade de questionarem o valor e o interesse que as formações e as profissões disponíveis têm para si e de se comprometerem com escolhas. Ainda que se reconheça o potencial das vivências espontâneas no que diz respeito à exploração do mundo vocacional, são também inestimáveis as vantagens associadas à possibilidade de planear intencionalmente, actividades estruturadas de exploração vocacional. A criação de um dispositivo formal de intervenção psicológica não só permite otimizar o comportamento exploratório como favorece o processo de integração dos resultados dessa exploração ao mesmo tempo que promove o desenvolvimento de um conjunto de capacidades que configuram a competência vocacional dos indivíduos. No contexto da intervenção ocorre assim a aprendizagem de um método que capacita os indivíduos a lidar de forma autónoma, adaptativa e criativa com todas as transições e situações de escolha que venham a pontuar o seu percurso vocacional.

Na presente comunicação, apresentar-se-á e reflectir-se-á acerca das potencialidades de um dispositivo de intervenção psicológica específico, um ciclo de actividades de exploração vocacional intitulado “Jogos de Interesse(s)”. Trata-se de um projecto de intervenção proposto e implementado pelo Serviço de Consulta Psicológica de Orientação Vocacional da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, que constituiu um dos projectos integrantes do programa “Verão em Projecto” da Universidade Júnior 2007 (uma iniciativa da Uni-

versidade do Porto). Numa breve contextualização da iniciativa “Universidade Júnior”, importa salientar que toda a sua programação está orientada para a iniciação dos jovens (a frequentar o 9.º, 10.º ou 11.º anos de escolaridade) na vida universitária através da exploração directa das actividades desenvolvidas nos vários contextos e domínios de formação do Ensino Superior. No que respeita ao projecto “Jogos de Interesse(s)”, pretendeu-se, de uma forma geral, promover o desenvolvimento vocacional dos jovens participantes, apoiando-os no processo de construção autónoma de um projecto vocacional pessoalmente gratificante, coerente e significativo através de estratégias facilitadoras do desenvolvimento da sua competência vocacional. De um modo mais concreto, os objectivos específicos do ciclo de actividades foram os seguintes: (1) promover a adopção de atitudes e significados mais flexíveis relativamente à escolha vocacional e à formação/trabalho, desafiando-se determinadas representações/estereótipos socialmente veiculados; (2) explorar dimensões psicológicas relevantes para a tarefa pessoal de “orientar-se” e para o compromisso com um plano pessoal de acção (e.g., papéis de vida, influências ecológicas, interesses, valores, competências); (3) estimular a reflexão em torno da importância dos valores enquanto dimensões que dão substância às escolhas e permitem explicar sentimentos positivos e negativos na vivência de uma dada situação, nomeadamente de natureza vocacional, favorecendo-se a construção/organização do sistema pessoal de valores; (4) explorar o sistema de oportunidades de ensino em Portugal ao nível do Ensino Secundário, do Ensino Profissional, do Ensino Artístico Especializado, do Ensino Tecnológico e do Ensino Superior, bem como do sistema de oportunidades de emprego/trabalho; (5) explorar as competências actuais dos participantes e as requeridas para o prosseguimento de estudos e para o desempenho de possíveis actividades profissionais, visando o desenvolvimento de competências transferíveis e generativas; (6) identificar estratégias de exploração directa do mundo das formações (tendo por base um contexto real de observação – a Faculdade), do trabalho e das profissões e incentivar à implementação das mesmas, de forma autónoma, por parte dos jovens; (7) promover a projecção no futuro e o compromisso com o investimento num projecto pessoal; e (8) promover a transferibilidade das aprendizagens realizadas durante o projecto para os contextos naturais de vida. Com efeito, a metodologia adoptada durante a implementação do ciclo de actividades enquadra-se na estratégia da exploração reconstrutiva do investimento vocacional (Campos & Coimbra, 1991; Coimbra, Campos & Imaginário, 1994).

2. O CICLO DE ACTIVIDADES DE EXPLORAÇÃO VOCACIONAL “JOGOS DE INTERESSE(S)”

O ciclo de actividades “Jogos de Interesse(s)” visou, de forma especial, o desenvolvimento de competências de exploração e de “escolha”, de cerca de 28 jovens, (distribuídos em quatro grupos de sete elementos), tendo sido definidos como objecto de exploração as influências interpessoais, os interesses, os valores, as competências, o sistema de oportunidades de formação e de trabalho e o contexto e vivência universitários na Faculdade onde semanalmente as actividades tinham lugar. Neste último caso, a oportunidade de se relacionarem com o espaço, as rotinas e os actores que fazem parte da vida da faculdade parece, não só, ter favorecido o desenvolvimento de competências gerais da ordem do “saber-ser” e de “saber-estar” (Pires, 1994), como terá promovido o desejável confronto com uma realidade diferente daquela a que os jovens estavam habituados desencadeando o questionamento e um conjunto de acções autónomas de exploração das várias dimensões e figuras do contexto académico.

As características do contexto de intervenção permitiram que as relações construídas (e.g., entre jovens, entre estes e as monitoras-psicólogas e entre estes e os diferentes actores da faculdade) se pautassem por uma significativa informalidade e espontaneidade o que, permitiu que cada jovem se sentisse livre para conhecer o meio ao seu redor através da experimentação e conversação

directas, numa abordagem mais sensorial e relacional que relegou para segundo plano as estratégias mais clássicas de transmissão de informação ou conhecimento. Esta opção tornou a intervenção mais capaz de promover o desenvolvimento pelos jovens de competências genéricas (Pires, 1994). Uma vez que as competências técnicas e específicas, por si só, parecem já não possuir o poder de diferenciar os indivíduos em termos da sua eficácia nem constituir garantia – como acontecia no passado – de integração profissional, questiona-se se não nos encontramos perante a necessidade de redireccionar a ênfase colocada no domínio de conhecimentos para o desenvolvimento de competências e de diversificar as estratégias pedagógicas de ensino e os modos de orientação. Com esta intervenção, julga ter-se contribuído para a tomada de consciência, para a valorização e para o estímulo ao desenvolvimento de certas competências generativas aqui entendidas como aquelas que permitem aos indivíduos tomar nas suas mãos a autoria do seu projecto vocacional e a orientação do seu destino.

Desta forma, proceder-se-á à reflexão em torno do modo como a exploração de um contexto universitário, neste caso, a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto – designadamente no que respeita (1) aos espaços da Biblioteca, dos Centros de Investigação, da Associação de Estudantes, dos Anfiteatros e Salas de Aula, dos Espaços de Convívio ou (2) dos grupos académicos, como as Tunas, o Grupo de Teatro e a Praxe – constituiu um estímulo à transformação da relação dos jovens com a Universidade e promoveu o desenvolvimento de competências vocacionais dos jovens.

3. A EXPLORAÇÃO DOS ESPAÇOS DA FACULDADE E O DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS VOCACIONAIS

3.1. A EXPLORAÇÃO DA BIBLIOTECA

A entrada numa **biblioteca universitária** permitiu aos jovens questionar as diferenças entre esta e outras bibliotecas escolares que conheciam. Uma das primeiras reacções foi a de surpresa perante a considerável quantidade de informação disponibilizada, as várias fontes de informação (e.g., artigos científicos, trabalhos e teses de investigação) e o fácil acesso dos utilizadores à consulta e leitura de livros, jornais e revistas e outros tipos de documentação, acessibilidade essa que, desde logo, constituiu um desafio em termos do sentido de autonomia. Pelo contacto directo, foi possível que os participantes desenvolvessem um maior conhecimento acerca da organização de uma biblioteca em contexto universitário, nomeadamente acerca de meios de pesquisa, da organização de materiais bibliográficos e de instrumentos e dispositivos de acesso bem como acerca da diferenciação e categorização das várias áreas de saber. Este conhecimento parece ter-lhes permitido compreender que uma biblioteca universitária integra um vasto conjunto de domínios conceptuais e que a Psicologia, como área de conhecimento, também se organiza em diferentes núcleos temáticos e pode ter interfaces com uma pluralidade de outras áreas do saber (e.g., medicina, economia, arte). É de salientar, que se verificou, por parte dos jovens, a tomada de consciência acerca da forma como as várias áreas de saber se encontram integradas, ultrapassando o conceito pré-universitário de que existem áreas de conhecimento estanques e compreendendo que o contexto universitário procura realizar uma integração das mesmas. A observação de estudantes universitários a estudar e a realizar trabalhos de grupo, durante o mês de Julho (período de férias para os jovens), suscitou nos participantes questões acerca da forma como se organizam o estudo e o trabalho académico. Os jovens tiveram a oportunidade de reflectir acerca das competências mínimas associadas ao papel de estudante universitário, nomeadamente (1) competências de estudo e hábitos de trabalho autónomos; (2) competências de consulta, pesquisa, tratamento e produção de informação, tais como seleccionar, analisar, criticar e utilizar documentos; (3) desen-

volver um trabalho de pesquisa ou estudo, individualmente ou em grupo, por solicitação do professor ou de sua própria iniciativa, utilizando estratégias e métodos diversos.

3.2. A EXPLORAÇÃO DOS CENTROS DE INVESTIGAÇÃO

A exploração dos vários **centros de investigação** existentes no espaço da faculdade permitiu aos participantes compreender que esta integra, no seu espaço, um conjunto de serviços e que a sua missão não se centra exclusivamente no ensino e na preparação de profissionais, mas que se constitui como um pólo de produção de conhecimento, que coordena, promove e desenvolve projectos de investigação científica, estimula activamente a difusão do conhecimento científico e intercâmbio de conhecimentos e disponibiliza recursos humanos e materiais, organizando e promovendo actividades de prestação de serviços à comunidade, assim como a realização de seminários, conferências, colóquios, congressos, semanas de estudo e outras reuniões, no âmbito das actividades de investigação desenvolvidas ou com estas relacionadas. A exploração deste espaço facilitou a compreensão do significado do que representa ser investigador, tendo estimulado o questionamento activo de “mitos” e representações acerca das actividades profissionais do “cientista” e das competências inerentes ao funcionamento de um centro de investigação. A título exemplificativo, os jovens exploraram e transformaram a ideia estereotipada de que os investigadores “usam bata branca e trabalham num laboratório”, compreendendo o que implica ser investigador na área das ciências sociais e humanas (comparativamente ao investigador da área das ciências naturais), bem como se mostraram capazes de integrar a dimensão psicológica dos valores, explorando em que medida alguns deles estariam associados a esta actividade profissional (e.g., trabalho em equipa, oportunidade de aprender, diversidade).

3.3. A EXPLORAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES

Através da exploração da **associação de estudantes**, e pela possibilidade de contacto directo com estudantes e dirigentes associativos, os jovens tiveram a oportunidade de se confrontarem e questionarem as representações que haviam construído acerca do que é “ser estudante”. Concluíram que esta representação pode sofrer alterações de significado e pode evoluir ao longo do tempo e em diferentes contextos. Assim, compreenderam poder ser várias as competências associadas ao papel de estudante universitário, em comparação com o significado que atribuem ao papel de estudante que actualmente e no passado assumem ou assumiram, nomeadamente a capacidade de liderança, de tomada de decisão, de gestão do tempo, de capacidade crítica, de participação em contextos de socialização diversificados, num crescendo de responsabilidade, autonomia e compromisso quando comparadas com a sua própria experiência estudantil. A associação de estudantes, em comparação com outras organizações de estudantes conhecidas pelos jovens nos seus contextos escolares ou mesmo por associações de estudantes de estabelecimentos de ensino secundário que frequentaram (e.g., nas quais a motivação principal para o desempenho de funções de presidência se prendia com a “popularidade”/prestígio inerente ao papel), foi experienciada como um contexto de socialização e de participação activa na vida e decisões da faculdade, sendo percebida como um espaço que poderá reunir condições propícias à reflexão, debate e crítica sobre a realidade universitária e pólo integrador e estimulador de experiências de acção no contexto social envolvente.

3.4. A EXPLORAÇÃO DAS SALAS DE AULAS E DOS ANFITEATROS

A exploração das **salas de aulas** e dos **anfiteatros** permitiu aos jovens uma aproximação às características específicas das unidades lectivas/curriculares, em contexto universitário, nomeadamente, o número de alunos presentes na aula e a ausência de toques de aviso para entrada, constatação que contribuiu para que tivessem a oportunidade de reflectir sobre a necessidade de competências como a autonomia, organização, flexibilidade, para enfrentar com sucesso as exigências da universidade. De uma forma espontânea, os jovens simularam e ensaiaram o papel de alunos universitários (sentando-se nas cadeiras dos anfiteatros, assumindo uma postura “má-dura” e apresentando gestos e expressões de “orgulho”) e o papel de professor universitário (questionando e reflectindo sobre a postura destes profissionais, a dificuldade de estar perante uma grande audiência, as suas estratégias e metodologias educativas e dinâmicas de relacionamento com os alunos). Esta experiência parece ter permitido aos jovens consciencializar-se acerca das competências indispensáveis a um bom desempenho académico e a uma mais fácil integração no contexto universitário.

3.5. A EXPLORAÇÃO DOS ESPAÇOS DE CONVÍVIO E DE LAZER

A participação activa nos **espaços de convívio e recreativos**, frequentados pelos estudantes universitários, permitiu aos jovens observar e reflectir acerca da atitude de um estudante universitário e das características e dinâmicas das relações entre os estudantes. Tal implicou a tomada de consciência da centralidade que assume o desenvolvimento de competências de “saber ser” e de “saber estar” ajustadas às expectativas e características destes espaços recreativos e de socialização. Ao mesmo tempo, conjugando todas estas experiências de exploração, reuniram-se condições para que pudessem reconstituir a rotina de um estudante universitário e compreender as suas “formas de estar” em determinados contextos, nomeadamente através das diferentes funções e finalidades que atribuem aos contextos de convívio e lazer (e.g., era frequente observar estudantes a trabalhar no bar ou na sala de convívio ao mesmo tempo que outros estudantes, por exemplo, jogavam “matrecos”). Através da observação directa da interacção entre estudantes nos espaços de socialização, foi possível reflectir acerca: (1) dos aspectos a ter em conta para o bom funcionamento e relacionamento entre colegas pertencentes a um mesmo grupo de trabalho (e.g., flexibilidade, comunicação aberta e clara, responsabilidade, coesão), (2) da necessidade de reajustar estratégias pessoais e organização temporal em termos de trabalho e de estudo (e.g., compatibilidade de horários entre colegas, locais de estudo trabalho preferidos), (3) da “substituição” dos cadernos pelo computador portátil (em muitos casos) enquanto meio de realização de trabalhos académicos, pela versatilidade que este imprime ao trabalho (e.g., podendo produzir texto, por exemplo, em qualquer lugar) e pela facilidade de acesso à informação (e.g., Internet) e 4) da capacidade de alternar momentos de concentração e de trabalho com pausas para descontração e lazer entre colegas.

3.6. A EXPLORAÇÃO DAS ACTIVIDADES DOS GRUPOS ACADÉMICOS

Uma aproximação aos vários **grupos académicos** foi propiciada pela exploração do espaço das **tunas universitárias** (feminina e masculina) e da sede do **grupo de teatro universitário**. O contacto com tais espaços, criou oportunidades de reflexão em torno das diferentes actividades extracurriculares passíveis de serem desempenhadas em contexto académico e da importância de gerir o tempo livre com alguma responsabilidade. A interacção com elementos do grupo de teatro, parece ter estimulado uma maior integração de dimensões pessoais relevantes para a escolha vocacional, sobretudo no que dizia respeito às dimensões dos valores e interesses vocacionais,

pela identificação da articulação entre dimensões no discurso do jovem actor. Este expôs a sua opinião, transmitindo que o seu envolvimento no grupo de teatro, simultâneo ao investimento numa formação superior, lhe permitiu, por um lado, uma exploração sistemática dos seus interesses e, por outro lado, teve impacto ao nível do desenvolvimento de competências que considera úteis e essenciais para a actividade do Psicólogo e, por isso, são transferíveis ao seu contexto de formação e de trabalho (e.g., capacidade de tomar iniciativa, de lidar com o imprevisto, de empatar). Os jovens também contactaram directamente com elementos da tuna feminina e tiveram a oportunidade de assistir a uma actuação deste grupo universitário, o que favoreceu a reflexão sobre o significado simbólico da pertença a uma faculdade (e.g., a tradição, a história e os valores da instituição) através da interpretação das letras das músicas apresentadas, da exploração do significado da cor atribuída aos diferentes cursos e da exploração da história do uso do traje académico. O contacto com os estudantes universitários, neste contexto, parece ter estimulado a partilha activa e a troca de experiências sobre o significado da vivência do “espírito académico” (e.g., as saídas nocturnas, as festas e jantares académicos, cortejo académico, “queima das fitas”, cerimónias e rituais iniciáticos) e a sua importância na integração e construção de uma ligação afectiva a um curso, a uma faculdade, a uma universidade e a uma cidade. Acresce a este facto que a possibilidade de questionar e de reflectir acerca dos rituais de **praxe** (e.g., ouvindo diferentes opiniões acerca dos mesmos) parece ter estimulado a capacidade de reflectir e questionar diversas alternativas de integração dos estudantes no contexto universitário tendo permitido ultrapassar receios existentes em relação a este processo. O conhecimento do “código de praxe”, da hierarquia estabelecida entre os colegas de anos mais avançados (e.g., “doutores”) e dos alunos do primeiro ano (e.g., “caloiros”) incentivou os jovens a reflectirem acerca das semelhanças encontradas entre a integração no contexto universitário (nomeadamente através da participação na praxe) e a inserção profissional. Este exercício promoveu a exploração e a tomada de consciência de que algumas competências adquiridas ao longo do processo de integração académica poderão, no futuro, ser mobilizadas e transferidas para os seus contextos de trabalho, nomeadamente no que respeita à aprendizagem e questionamento: de uma estrutura hierárquica, de um sistema de punições e promoções e dos diferentes papéis e estatutos a desempenhar. Com efeito, esta experiência permitiu aos jovens desafiar alguns “mitos” e representações veiculadas na sociedade no que respeita à vida académica, questionar as suas próprias percepções acerca dos espaços e contextos de socialização universitários e desenvolver competências de análise, síntese e posicionamento crítico acerca da realidade universitária, bem como de adaptação a novos contextos, suas exigências e desafios.

4. QUE APRENDIZAGENS E MUDANÇAS? ALGUMAS NOTAS CONCLUSIVAS SOBRE OS RESULTADOS DA EXPLORAÇÃO REALIZADA

Com base no que tem vindo a ser explicitado, talvez seja oportuno proceder a uma sistematização daqueles que parecem apresentar-se como os principais contributos da exploração do contexto universitário no que respeita ao desenvolvimento vocacional dos jovens. Desde logo, é possível afirmar-se que a exploração activa da instituição, a compreensão da sua estrutura e procedimentos, parece ter favorecido a tomada de consciência da Universidade enquanto organização integradora de uma multiplicidade de projectos, entre os quais se encontram o ensino, a investigação e o serviço à comunidade (UNESCO, 1998). É importante referir, igualmente, que esta experiência contextual assentou numa multiplicidade de estratégias – e.g., entrevista, visita, conversa informal, pesquisa bibliográfica – e no contacto directo com os diferentes intervenientes – e.g., estudantes, docentes, investigadores, funcionários. Tal permitiu uma compreensão aprofundada das características e das dinâmicas subjacentes à vivência académica universitária sob as perspectivas dos diferentes actores deste cenário acima mencionados ao mesmo tempo que lhes terá permitido aprender alguns dos métodos de exploração que futuramente poderão usar.

Um outro aspecto pertinente prende-se com a exploração do significado que os jovens atribuíam ao estatuto de “estudante” e do próprio papel do “estudante universitário” – designadamente no que diz respeito à organização/gestão entre os tempos de trabalho e de lazer, à atitude/postura a adoptar na Universidade e aos padrões de interacção e relacionamento entre agentes da comunidade académica, ao estilo de vida, à autonomia exigida – através da exploração e da observação directas em torno das dinâmicas e dos “ambientes” de socialização dos estudantes universitários. Pensa-se poder afirmar-se com significativa segurança, que os jovens tomaram consciência da evolução/transformação de que vai sendo alvo o significado atribuído ao “ser estudante” ao longo da vida e dos desafios com os quais se vão deparando (e.g., do Ensino Básico para o Secundário e deste para o Ensino Superior).

A este respeito, parece interessante analisar-se um aspecto que, no início do projecto, foi antecipado como um factor de dificuldade para a equipa de monitores. Com efeito, receava-se que a heterogeneidade dos grupos de jovens em termos escolares pudesse interferir negativamente na qualidade da interacção intra-grupo e afectar a própria qualidade da intervenção. Na medida em que o ciclo de actividades “Jogos de Interesse(s)” permitia a participação simultânea de jovens a frequentar o 9.º, 10.º e 11.º anos de escolaridade e em diferentes fases de desenvolvimento foram acautelados diversos cenários como (1) a existência de discrepâncias a nível das necessidades específicas de cada participante (e.g., enquanto alguns jovens desejavam explorar o sistema/estrutura de ensino secundário, outros, os mais velhos, centravam a sua atenção na exploração as oportunidades de ensino ao nível do Ensino Superior) e (2) a necessidade de fazer variar as estratégias/meios de respostas a estas diversas necessidades por parte da equipa de monitores. Todavia, a experiência de trabalho com jovens da mesma faixa etária a frequentar anos de escolaridade diferentes constituiu um contexto enriquecedor e desafiante para todos os intervenientes. Os jovens mais novos (que transitariam do Ensino Básico para o Ensino Secundário) puderam usufruir da experiência dos colegas a frequentar o Ensino Secundário e contactar directamente com a realidade escolar com base nos seus testemunhos reais – indubitavelmente mais ricos em termos de significados pessoais do que a informação passível de aceder através da exploração indirecta. Por seu lado, os jovens mais velhos (a frequentar já o Ensino Secundário), ao servirem de modelos para os mais novos e ao apoiá-los no processo de exploração, puderam (1) tomar consciência das suas próprias vivências e responsabilidades, (2) integrar os diferentes significados atribuídos às suas experiências numa narrativa com sentido, estruturante e estimuladora da acção e da construção do seu projecto vocacional e (3) desenvolver competências generativas.

Numa vertente de natureza mais instrumental, foi possível aos jovens compreender e tomar consciência da pluralidade de actividades profissionais implicadas e necessárias ao bom funcionamento de uma instituição universitária, permitindo, através da constatação da diversidade de serviços existentes (e.g., reprografia, biblioteca, sala de computadores, secretaria), antecipar necessidades com as quais poderão confrontar-se futuramente enquanto estudantes universitários. Desta forma, foi crucial a reflexão e a exploração em torno das competências actuais dos jovens, das exigidas e valorizadas no contexto universitário bem como da importância da transferência das mesmas para contextos reais de trabalho. Com efeito, esta oportunidade de exploração vocacional possibilitou aos jovens participantes reflectirem e darem sentido aos projectos para o futuro, nomeadamente através da antecipação de desafios, possibilidades e oportunidades com os quais se defrontarão enquanto estudantes universitários, criando-lhes a necessidade e abrindo espaço ao planeamento apoiado de acções para o futuro.

Finalmente, justifica-se um apontamento acerca da relação estabelecida entre a equipa de monitores e os jovens participantes enquanto meio de promoção bilateral de competências. Caracterizado pela informalidade e pela proximidade etária, o relacionamento monitor-jovens constituiu ele próprio uma “ferramenta” de mudança, destes últimos, na medida em que gerou um sentimento de confiança e de segurança que os estimulou a encarar e a lidar com os desafios subjacentes.

tes às tarefas de exploração e de integração autónomas, comparáveis, em pequena escala, aos desafios inerentes a um futuro pautado pela incerteza e pela instabilidade (Pires, 1994; Parada & Coimbra, 1999/2000; Coimbra & Fontes, 2005).

A condução de um processo de consulta psicológica de orientação vocacional (como o que aqui se descreve) assente numa relação com características que ultrapassam os limites formais (e temporais) da relação psicólogo-cliente promoveu um profundo questionamento e uma reflexão aturada por parte dos psicólogos/monitores. Importa salientar que o monitor permanecia com o grupo de jovens durante um dia completo incluindo as horas das refeições e as deslocações até aos locais de transporte ou alojamento o que, naturalmente, tornava a relação monitor-jovem distinta da relação psicólogo-cliente. O desafio que tal constituía para os monitores/psicólogos traduziu-se num desafio à evolução dos próprios jovens, já que a presença permanente de uma figura-líder pouco mais velha que eles próprios, possibilitou o desenvolvimento de competências como a criatividade, a capacidade de lidar com o imprevisto (face a situações deste tipo as suas questões foram cada vez mais pautadas pela complexidade e maturidade), de comunicação, relacionamento e gestão de fronteiras (pelos contornos de paridade e mútuo desafio e aprendizagem que a relação tomou); e de liderança. No que se refere a este último ponto, importa referir a tomada de consciência pelos jovens mas sobretudo pelos monitores, de que a assumpção da liderança de um grupo de jovens deve promover a compreensão do papel do monitor, neste caso, enquanto agente efectivo de desenvolvimento vocacional, que aproveita todos os momentos (mesmo os lúdicos) para levar os jovens a dar sentido a esses momentos e experiências de uma forma que lhes permita deles derivar pistas relevantes ao compromisso com um projecto de vida pessoalmente gratificante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Campos, B. & Coimbra, J. (1991). Consulta Psicológica e Exploração do Investimento Vocacional. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 7, (pp.11-19).
- Coimbra, J. L. & Fontes, M. (2005). Empreendedorismo e Gestão de Carreira. [Versão Electrónica]. *Revista Formar*, 51, pp. 3-8.
- Coimbra, J.; Campos, B. & Imaginário, L. (1994). *Career Intervention from a psychological perspective: Definition of the main ingredients of an ecological-developmental methodology*. 23rd International Congress of Applied Psychology, Madrid. July.
- Parada, F. & Coimbra, J. (1999/2000). Sentidos e Significados do trabalho no contexto de uma realidade em transformação: o desemprego e as dificuldades de integração profissional dos jovens. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 15/16, (pp. 47-57).
- Pires, A. (1994) As novas competências profissionais. [Versão Electrónica]. *Revista Formar*, 10, pp. 4-16.
- UNESCO (1998). *Final Report, UNESCO World Conference on Higher Education: Higher Education in the Twenty-First Century, Vision And Action*. UNESCO. Paris, France. [<http://www.unesco.org/education/wche/>]